

# **Javé, o amparador dos excluídos – uma exegese do Salmo 146**

*José Roberto Cristofani<sup>1</sup>*

## **RESUMO**

Este ensaio exegetico lida com o texto do Salmo 146 em sua manifestação literária: gênero, estrutura, estilo, retórica e semântica, bem como o contexto, tanto literário quanto sócio-histórico. O alvo dessa aproximação é ser um caminho para a compreensão do texto bíblico e deve ser tomado a serviço da pregação e do ensino das Escrituras Sagradas.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Exegese. Literatura Bíblica. Salmos 146.

## **ABSTRACT**

This exegetical essay deals with the text of Psalm 146 in its literary manifestation: genre, structure, style, rhetoric and semantics as well as the context, both literary as socio-historical. The target of this approach is to be a path to understand the biblical text and it should be taken in the service of preaching and teaching of the Holy Scriptures.

## **KEYWORDS**

Exegesis. Biblical Literature. Psalm 146.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia das Faculdades EST, São Leopoldo – RS.

## Introdução

Na atualidade, há uma diversidade de métodos exegéticos para abordar e compreender os textos bíblicos. Para isso aponta a significativa bibliografia disponível no mercado<sup>2</sup>. Diante deste quadro tão variado de métodos, o objetivo deste trabalho é exemplificar o método exegético. A abordagem proposta procura lidar com o texto em sua manifestação literária, isto é, considera-se o texto em vários dos seus aspectos, como por exemplo, seu gênero, estrutura, estilo, retórica e semântica. Também se tem em conta o contexto, tanto literário quanto sócio-histórico. O alvo dessa aproximação é ser um caminho para a compreensão do texto bíblico e deve ser tomado como estando a serviço da pregação e do ensino das Escrituras Sagradas. Assim, os procedimentos apresentados nesta exegese têm um caráter didático, isto é, cada passo é ilustrado com a análise do texto, para o qual é indicada a literatura específica nas notas de rodapé.

## Texto

A porta de entrada do trabalho exegético é texto propriamente dito<sup>3</sup>. A exegese deve, dentro das possibilidades de quem a realiza, tomar por base os textos na língua em que foram primeiramente transmitidos<sup>4</sup>. A tradução deve ser um trabalho criativo e comparativo. Comparativo na medida em que busque compará-la com outras versões. A tradução deve vir acompanhada de algumas observações que procurem justificar determinadas opções textuais e léxicas.

---

<sup>2</sup> Uma amostra de métodos exegéticos pode ser encontrada em: CARO, J. M. S. “Metodologia Bíblica Exegética”, p. 337-379; MOSCONI, Luís. **Para uma Leitura Fiel da Bíblia**, p. 111-143; FITZMYER, Joseph. **A Bíblia na Igreja**, p. 16-69; KRÜGER, René e SEVERINO CROATTO, José; MÍGUEZ, N. **Métodos Exegéticos**, 1996.

<sup>3</sup> Para a noção de “texto”, cf. FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de Texto: Leitura e redação**, p. 11-24; CARO, J. M. S. “Metodologia Bíblica Exegética”, p. 337-347.

<sup>4</sup> Para o Antigo Testamento deve-se usar uma edição crítica do Texto Massorético (TM) como: ELLIGER, K. e RUDOLPH, W. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 4<sup>a</sup>. Ed. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1990.

- v.1 Louvai a Javé!<sup>5</sup>  
Louva minha alma a Javé.
- v. 2 Que eu louve Javé em minha vida<sup>6</sup>.  
Que eu entoe música<sup>7</sup> a meu Deus em minha existência<sup>8</sup>.
- v. 3 Não confieis nos príncipes  
no filho do homem  
ao qual não pertence a libertação.
- v. 4 Sairá o espírito dele  
Retornará para o seu solo (pó)<sup>9</sup>  
Neste dia perecem seus pensamentos (projetos).
- v. 5 Ditoso a quem ajuda o Deus de Jacó  
sua esperança [está] sobre Javé seu Deus.
- v. 6 Aquele que fez céus e terra  
o mar e tudo o que neles [há]  
aquele que mantém a verdade para sempre.
- v. 7 Aquele que faz justiça para os defraudados  
Aquele que dá pão para os famintos  
Javé solta os prisioneiros.
- v. 8 Javé abre [os olhos] os cegos  
Javé levanta os que foram derrubados  
Javé ama os justos.
- v. 9 Javé guarda os estrangeiros  
o órfão  
e a viúva sustém,  
mas<sup>10</sup> o caminho dos ímpios subverte.
- v.10 Reinará Javé para sempre  
teu Deus, Sião, de geração em geração.  
Louvai a Javé!

<sup>5</sup> Traduz o termo הלל־יהוה como verbo, com Reina-Valera Atualizada. Cf. a literalidade da Tradução Novo Mundo (TNM) “Louvai a Já!” Do mesmo modo Dahood “Praise Yah!” (*in loco*). Diversamente, Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB) e Almeida Revista e Atualizada (ARA) têm “Aleluia!”

<sup>6</sup> “durante a minha vida”.

<sup>7</sup> Traduz o piel corporativo (volitivo). Cf. Reina-Valera Atualizada, “cantaré Salmos”.

<sup>8</sup> “enquanto eu viver”.

<sup>9</sup> Os termos entre parênteses indicam outra possibilidade de tradução.

<sup>10</sup> ᾗ adversativo.

## Delimitação<sup>11</sup>

As peças literárias no livro dos Salmos, via de regra, são de fácil delimitação. Com exceção de alguns poemas, como por exemplo, os Salmos 9 + 10 e 42 + 43, que parecem constituir em um único Salmo cada par, a maioria forma unidades claramente distintas.

No caso do Salmo em estudo não há dificuldade de tomá-lo como uma unidade poética, pois o Texto Massorético (TM) o apresenta como tal. A sua unidade temática, coesão e coerência contribuem para que o mesmo seja tomado como uma perícope. Ademais, o Salmo está perfeitamente delimitado por uma *inclusio*<sup>12</sup>. Ele começa e termina com a expressão הַלְלוּ-יָהּ (Louvai a Javé). L. C. Allen chama a atenção, também, para a inclusão do conceito de tempo (“durante a minha vida”/”enquanto eu viver” – v. 2ab e “para sempre”/”de geração em geração” – v. 10ab)<sup>13</sup>. Além disso, ocorre a repetição do nome divino no início e no fim do poema. Nada parece obstar, portanto, em tratar o Salmo em questão como um poema completo em si mesmo.

## Análise textual<sup>14</sup>

Neste passo será feita a análise morfo-estrutural do texto em pauta, procurando caracterizá-lo quanto ao Gênero Literário (Forma e Estrutura), observando os recursos Retóricos e Estilísticos utilizados. Finalmente, se procederá a uma análise semântica do texto.

<sup>11</sup> Delimitar é recortar um texto em uma unidade de sentido completa. Cf. SIMIAN-YOFRE, Horácio. **Metodologia do Antigo Testamento**, p. 78-84; KRÜGER, René e SEVERINO CROATTO, José; MÍGUEZ, N. **Métodos Exegéticos**, p. 112-117.

<sup>12</sup> Para a conceituação de *inclusio* (inclusão), também chamada de *envelope*, ver MONLOUBU, L. “Os Salmos”. In: **Os Salmos e os Outros Escritos**. MONLOUBU L. *et alli* (eds.) São Paulo: Paulus, 1996, p. 35-36; McCANN, J. Clinton Jr. “The Book of Psalms”, p. 653. Exemplos em STECK, J. H. **Aspectos da Poética do Antigo Testamento e uma introdução aos Salmos, Provérbios e Eclesiastes**, p. 12; SCHÖKEL, L. A. “Poética Hebrea – Historia y Procedimientos”. In: **Hermeneutica de la Palabra II**, p. 100 e 219 (com exemplos na literatura profética).

<sup>13</sup> ALLEN, L. C. **Psalms 101-150**, p. 302.

<sup>14</sup> SIMIAN-YOFRE, Horácio. **Metodologia do Antigo Testamento**, p. 93-104.

## A – Análise morfo-estrutural

### Gênero literário<sup>15</sup>

Cada unidade literária pertence a um gênero literário específico que, por sua vez, possui forma e estrutura próprias, as quais se utiliza com o propósito de alcançar um objetivo específico, tendo como pressuposto as circunstâncias que o geraram e nas quais foi transmitido, ao que a exegese denomina de *Sitz im Leben* (Situação Vivencial)<sup>16</sup>.

Dentre os gêneros encontrados no Saltério, o Salmo 146 é comumente classificado como um Hino<sup>17</sup>. Seus elementos formais e a disposição dos mesmos apontam, sem dúvida, para seu caráter hínico.

Segundo a maioria dos estudiosos dos Salmos, os Hinos possuem uma estrutura tripartida, constando, basicamente, de: 1 – Introdução – convite ao louvor, formulado no imperativo; 2 – Corpo – onde se mencionam os feitos ou as qualidades de Javé; e 3 – Conclusão – retomada das expressões do início do poema<sup>18</sup>.

O Salmo 146 enquadra-se, com pequena variação, nessa forma hínica, visto que possui os seguintes elementos:

<sup>15</sup> Para a conceituação de “Crítica das Formas”, cf. KRÜGER, René e SEVERINO CROATTO, José; MÍGUEZ, N. **Métodos Exegéticos**, p. 163-187; LOHFINK, G. **Agora Entendo a Bíblia**, p. 29-54. Para uma tipologia dos gêneros literários do saltério, cf. GUNKEL, H. **The Psalms**, p. 10-25, BALLARINI, T. & REALLI, V. **A Poética Hebraica e os Salmos**, p. 55-85; ASENSIO, V. M. **Livros Sapienciais e Outros Escritos**, p. 288-314; SCHÖKEL, L. A. e CARNITI, C. **Salmos I**, p. 81-95; MANNATI, M. **Para rezar com os Salmos**, p. 17-77; RAGUER, H. **Para compreender os Salmos**, p. 27-41; MONLOUBOU, L. **Os Salmos**, p. 44-67; WEISER, A. **Salmos**, p. 33-61; McCANN, J. Clinton. **The Book of Psalms**, p. 643-652; HARRINGTON, Wilfrid J. **Chave para a Bíblia**, p. 348-361.

<sup>16</sup> O *Sitz im Leben* será tratado no tópico “análise contextual”.

<sup>17</sup> Assim, GONÇALEZ, A. **El libro de los Salmos**, p. 647, apesar de lhe conferir um caráter didático (cf. p. 626). Também WEISER, A. **Salmos**, p. 33; SCHÖKEL, L. A. e CARNITI, C. **Salmos I**, p. 83; idem **Salmos II**, p. 1643; BALLARINI, T. & REALLI, V. **A Poética Hebraica e os Salmos**, p. 61. Diversamente, RAGUER, H. **Para compreender os Salmos**, p. 28-29, utiliza a designação de “Cânticos de louvor introduzidos por um invitatório” como subgrupo dos Salmos Festivos.

<sup>18</sup> ASENSIO, V. M. **Livros Sapienciais e Outros Escritos**, p. 302; BALLARINI, T. & REALLI, V. **A Poética Hebraica e os Salmos**, p. 61; MANNATI, M. **Para rezar com os Salmos**, p. 27-28; GUNKEL, H. **The Psalms**, p. 10-13. Há uma análise detalhada em WESTERMANN, C. **Praise and Lament in the Psalms**, p. 122-135.

- 1 – Convite inicial ao louvor formulada no imperativo (v. 1a), seguido de um desejo de louvar Javé por toda a vida (v. 1b-2ab).
- 2 – Há uma transição (v. 3-4), elemento possível<sup>19</sup>, entre a primeira parte (convite ao louvor) e a segunda (corpo – qualidade de Javé), onde ao orador do Salmo é lembrado que não se deve confiar em príncipes, senão somente em Javé.
- 3 – O corpo do hino (v. 5-9) relata as qualidades de Javé como motivos de louvor.
- 4 – A conclusão (v. 10) afirma a perenidade do reinado de Javé e retoma a expressão de abertura do Salmo.

Dessa forma, pode-se visualizar o poema no seguinte esquema:

|                    |  |  |
|--------------------|--|--|
| Convite ao louvor  | v.1 Louvai a Javé!<br>Louva minha alma a Javé.   |  |
|                    | v. 2 Que eu louve Javé em minha vida.  |  |
|                    | Que eu entoe música a meu Deus em minha existência   |  |
| Transição          | v. 3 Não confieis nos príncipes no filho do homem ao qual não pertence a libertação.                           |  |
|                    | v. 4 Sairá o espírito dele Retornará para o seu solo (pó) Neste dia perecem seus pensamentos (projetos).       |  |
| Qualidade de Javé  | v. 5 Ditoso a quem ajuda sua esperança [está] o Deus de Jacó sobre Javé seu Deus.                              |  |
|                    | v. 6 Aquele que fez céus e terra o mar e tudo o que neles [há] aquele que mantém a verdade para sempre.        |  |
|                    | v. 7 Aquele que faz justiça para os defraudados Aquele que dá pão para os famintos Javé solta os prisioneiros. |  |
|                    | v. 8 Javé abre [os olhos] os cegos Javé levanta os que foram derrubados Javé ama os justos.                    |  |
|                    | v. 9 Javé guarda os estrangeiros o órfão e a viúva sustém, mas o caminho dos ímpios subverte.                  |  |
| Retomada do início | v.10 Reinará Javé para sempre teu Deus, Sião, de geração em geração. Louvai a Javé!                            |  |

<sup>19</sup> ASENSIO, V. M. **Livros Sapienciais e Outros Escritos**, p. 302. Há uma análise detalhada em WESTERMANN, C. **Praise and Lament in the Psalms**, p. 123, que fala de uma transição para “Salmo Didático”.

### Estrutura literária<sup>20</sup>

O arranjo estrutural do Salmo<sup>21</sup> apresenta-se de maneira bastante clara e simples. Ele está dividido em duas estrofes temáticas principais (v. 3-5 e v. 6-9), enfeixadas por uma introdução (v. 1b-2) e uma conclusão (v. 10ab), tudo emoldurado pela inclusão, já notada, inclusão de הַלְלוּ-יָהּ (v. 1a e 10c).

A Introdução é um convite ao louvor formulado na primeira pessoa do singular, mostrando a disposição do salmista em louvar a Javé por toda a sua vida.

A Conclusão tem a segunda pessoa do singular, numa declaração litúrgica final, lembrando a Sião que Javé reinará para sempre.

A primeira estrofe, através de uma exortação negativa em segunda pessoa do plural (v. 3), contrasta aqueles que confiam em príncipes, nos quais não há salvação, por serem apenas homens mortais (v. 4), com os bem-aventurados que recebem ajuda do Deus de Jacó e põem a sua esperança em Javé (v. 5).

A segunda estrofe tematiza duas qualidades de Javé: Criador de todas as coisas (v. 6) e Amparador dos mais fracos (v. 7-9ab). Em contrapartida, o apresenta como o destruidor do caminho dos ímpios (v. 9c).

Esquemáticamente, a estrutura literária do Salmo pode ser vista assim:

Moldura inicial – 1a Louvai a Javé!

|              |                      |  |                                    |                      |
|--------------|----------------------|--|------------------------------------|----------------------|
| Introdução – | b                    | Louva minha alma                               | a Javé.                            |                      |
|              | 2a                   | Que eu louve                                   | Javé                               | em minha vida.       |
|              | b                    | Que eu entoe música                            | a meu Deus                         | em minha existência. |
| 1ª Estrofe – | 3a                   | Não confieis                                   | nos príncipes                      |                      |
|              | b                    | no filho do homem                              |                                    |                      |
|              |                      |  | ao qual não pertence a libertação. |                      |
|              | 4a                   | Sairá o espírito dele                          |                                    |                      |
|              |                      |  | Retornará para o seu solo (pó)     |                      |
|              | b                    | Neste dia perecem seus pensamentos (projetos). |                                    |                      |
| 5a           | Ditoso a quem ajuda  |  | o Deus de Jacó                     |                      |
| b            | sua esperança [está] |  | sobre Javé seu Deus.               |                      |

<sup>20</sup> Informações sobre “Estrutura Literária” em DOBBERAHN, F. E. **Introdução aos Métodos Exegéticos**, p. p. 22-28; KRÜGER, René e SEVERINO CROATTO, José; MÍGUEZ, N. **Métodos Exegéticos**, p. 263-274.

<sup>21</sup> Para outras propostas, cf. ALLEN, L. C. **Psalms 101-150**, p. 300-302; McCANN, J. Clinton. **The Book of Psalms**, p. 1263, onde cita, ainda, a estrutura proposta por J. Kselman.

- 2ª Estrofe –
- 6a Aquele que fez céus e terra  
 b o mar e tudo o que neles [há]  
 c aquele que mantém a verdade para sempre.
- 7a Aquele que faz justiça para os defraudados  
 b Aquele que dá pão para os famintos  
 c Javé solta os prisioneiros.
- 8a Javé abre [os olhos] os cegos  
 b Javé levanta os que foram derrubados  
 c Javé ama os justos.
- 9a Javé guarda os estrangeiros  
 b o órfão  
 e a viúva sustém,  
 c mas o caminho dos ímpios subverte.
- Conclusão –
- 10a Reinará Javé para sempre  
 b teu Deus, Sião, de geração em geração.
- Moldura final – c Louvai a Javé!

## Retórica e Estilística<sup>22</sup>

A análise dos recursos retóricos e estilísticos de um determinado texto pode abranger uma vasta gama de elementos. Contudo, esta análise se limitará a evidenciar os seguintes aspectos: 1) Paralelismos<sup>23</sup>; 2) Figuras de linguagem<sup>24</sup>; 3) Outros procedimentos<sup>25</sup>.

### 1 – Paralelismo

Na poesia hebraica as linhas paralelas servem, entre outros, ao propósito de enfatizar, contrastar ou acrescentar ideias ou conceitos de uma linha em relação à outra.

<sup>22</sup> Princípios de “Análise Retórico-Estilística” em EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento**, p. 71-82; FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de Texto: leitura e redação**, p. 337-354.

<sup>23</sup> BALLARINI, T. & REALI, V. **A Poética Hebraica e os Salmos**, p. 17-26; ASENSIO, V. M. **Livros Sapienciais e Outros Escritos**, p. 271-276; ALTER, R. **As Características da Antiga Poesia Hebraica**, p. 653-666; SCHÖKEL, L. A. **Poética Hebrea. Historia y Procedimientos**, p. 69-85.

<sup>24</sup> SCHÖKEL, L. A. **Poética Hebrea. Historia y Procedimientos**, p. 168-196.

<sup>25</sup> BALLARINI, T. & REALI, V. **A Poética Hebraica e os Salmos**, p. 27-29.

Neste texto, encontram-se três tipos de paralelismo: a) Sinonímico – a segunda linha enfatiza e especifica o que foi proposto na primeira; b) Antitético – a segunda linha contrasta o que foi dito na primeira; c) Sintético – à primeira linha é acrescentado um conceito complementar.

**a) Sinonímico** – encontra-se nos seguintes versos:

v. 2ab – O termo *louve* (2aα) é especificado e ampliado por *entoe música* na linha seguinte (2bα) mostrando o tipo de louvor que o salmista deseja dar a Javé (2aβ), meu Deus (2bβ). Por fim, *em minha vida* (5aγ), é repetida, entre outros termos, no v. 2bγ (*em minha existência*).

v. 5ab – à palavra *ajuda* (5aβ), corresponde *esperança* (5bα). Da mesma forma, a expressão Deus de Jacó (5aαγ) é precisada com *Javé seu Deus* (5bβγ), enfatizando, como no v. 2, que o salmista tem por Deus a Javé.

v. 10ab – a frase Javé para sempre (10aβγ) tem seu sentido ampliado para *teu Deus, Sião, de geração em geração* (10bαβγδ). Novamente fala-se, na primeira linha, de Javé de forma geral, para na segunda linha enfatizar que é *teu Deus* (de Sião).

Esses paralelismos sinonímicos mostram, de forma inequívoca, que o salmista tem motivos para louvar Javé, que não é apenas Deus, mas o Deus dele e de todo seu povo.

**b) Antitético** – um único versículo está construído dessa forma:

v. 9bc – à expressão órfão e a viúva sustém (9b) é contraposto *mas o caminho dos ímpios subverte* (9c). Como será visto abaixo, não é apenas ao órfão e à viúva que os ímpios são contrastados, senão à categoria de necessitados alistada desde o v. 7.

**c) Sintético** – aparece nos versículos:

v. 3ab – *no filho do homem ao qual não pertence a libertação* (3b) serve de complemento à ideia expressa em *não confieis nos príncipes* (3<sup>a</sup>).

v. 4ab – de modo semelhante a frase de 4<sup>a</sup> é expandida com a sentença de 4b.

v. 6ab – a afirmação de que Javé criou os céus e a terra (6<sup>a</sup>) é acrescida da expressão de que o mar também é de sua autoria, bem como tudo o que eles (céus, terra e mar) contêm (6b).

Os paralelismos alistados acima ajudam a compreender as ideias que se complementam, se contrastam e se expandem, contribuindo, assim, para reforçar e esclarecer o sentido do texto.

## 2 – Figuras de Linguagem

Entre as figuras de linguagem presentes no texto, destacam-se: a) Elipse – omissão de um ou mais termos numa oração; b) Antítese – emprego de expressões opostas; c) Perífrase – palavras ou frases que substituem o nome comum.

- a) Elipse – omissão do verbo עָשָׂה (6<sup>a</sup>) ou seu equivalente no v. 6b.
- b) Antítese – encontra-se no v. 9ab com a menção dos ímpios depois de uma lista daqueles que recebem atenção especial de Javé (7-9b).
- c) Perífrase – pode ser vista no v. 6ab, onde a qualidade de Criador é substituída pelo participio *aquele que fez*.

## 3 – Outros procedimentos

Entre outros procedimentos poéticos pode-se destacar: a) Anáfora – repetição de uma palavra no início de linhas subsequentes; b) Merisma<sup>26</sup> – repetição de uma palavra, expressão ou ideia no início e fim de um texto.

- a) **Anáfora** – יהוה é repetido 5 vezes no início das linhas dos v. 7c; 8abc; 9a.
- b) **Merisma** – *céus e terra* (6a) significando todo o universo. Talvez, também, *órfão e viúva*. (9b) represente todos os desvalidos alistados ou não a partir do v. 7a,9a, isto é, *defraudados, famintos, prisioneiros, cegos, derrubados, justos, estrangeiros*.
- c) **Inclusão** – Louvai a Javé – v. 1 e 10 (já observada na delimitação).

A análise retórica e estilística traz à tona as ênfases do texto, permitindo ao leitor direcionar a busca de sentido do mesmo, o que é corroborado pelo próximo passo.

<sup>26</sup> SCHÖKEL, L. A. **Poética Hebraica. Historia y Procedimientos**, p. 105-106.

## B) Semântica<sup>27</sup>

Com o propósito de compreender o sentido global do Salmo em tela, esta parte da exegese procurará pelo significado exato dos termos, expressões e conceitos que sejam relevantes para o correto entendimento do texto.

Os critérios aqui usados para selecionar as palavras, frases e ideias para a análise semântica podem ser pelo número de ocorrências, como é o caso do nome de Deus e toda a série de pessoas referidas; pela posição que ocupam no texto, por exemplo, as relações estabelecidas entre os personagens e assim por diante.

- a. Um primeiro eixo semântico que pode ser traçado aponta a ocorrência do nome de Deus e seus diversos correlatos: יהוה – Javé (1ab; 2ab; 5b; 7c; 8abc; 9a; 10ac) e toda a série de participípios dos vv. 6a-7ab; לַאֱלֹהֵי – meu Deus (2b); אֱלֹהֵי – seu Deus (5b); אֱלֹהֵיךָ – teu Deus (10b); שֵׁאל יַעֲקֹב – Deus de Jacó (5a).

O Antigo Testamento, sobretudo os Salmos, fala de Deus a partir da experiência humana de maneira antropomórfica (formas humanas) ou antropopática (sentimentos humanos), pois seus autores não conhecem, via de regra, a metafísica grega, de maneira que o uso dos diversos verbos e adjetivos que mostram a atividade de Javé ou O qualificam são do âmbito ordinário, do dia a dia do povo.

O designativo *Javé* evoca, entre outras, a lembrança do Javé da Aliança. Aquele que se auto-revelou e estabeleceu um pacto com seu povo, lembrança reforçada no Salmo pelos qualificadores *Deus de Jacó* (5a) e *teu Deus, Sião* (10b) reconhecido pelo salmista como *meu Deus* (2b). No primeiro caso, a expressão *Deus de Jacó* possibilita a compreensão de que *Javé* é o Deus das tribos de Israel, isto é, de todo o povo. No segundo, *Sião*, aponta para um *locus* teológico, antes que geográfico. Há uma carga teológica no termo *Sião* que denota, entre outras, a concepção de morada e a sede do trono de Javé<sup>28</sup> (cf. Salmos 9.12 (11)<sup>29</sup>;

<sup>27</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 89-126.

<sup>28</sup> STOLZ, F. צִיּוֹן. In: JENNI, E. e WESTERMANN, C. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, Tomo II.

<sup>29</sup> O número entre parêntesis refere-se à numeração da ARA.

74.2; 132.13). Esta ideia parece ser o significado da palavra neste texto, pois o Salmo é fechado com a declaração de que Javé reinará para sempre (v.10). A favor dessa interpretação fala o fato de que não se deve confiar em príncipes (v. 3a). Assim, Javé assume a função dos príncipes, qual seja, promover o bem estar do povo, sobretudo dos excluídos (v. 7a9), como será visto abaixo. No terceiro caso, *meu Deus*, o salmista se inclui entre os que têm Javé por seu Deus, qualificando-se, assim, como *ditoso* (v. 5a).

As formas participiais encontradas nos v. 6ab qualificam Javé como fiel, cuja fidelidade se expressa na manutenção da *verdade para sempre* (v. 6c) e como Criador dos céus e da terra. A preferência pelo verbo עָשָׂה para expressar a ideia de “criar/fazer” parece estar em relação direta com o v. 7a, que utiliza o mesmo vocábulo para mostrar que Javé faz justiça aos defraudados, pois עָשָׂה se usa tanto para se referir à ação criadora de Deus, quanto para suas ações em favor dos homens, o que parece ser o caso. Assim, o texto parte da concepção de que Javé cria céus, mar e tudo o que eles contêm, mas está interessado, de forma inequívoca, nos excluídos.

Portanto, a imagem de Javé que o Salmo quer mostrar é a de um Deus criador e mantenedor da criação, tanto quanto de um Deus fiel que se interessa pelo seu povo, razão porque Ele deve ser louvado.

- b.** O segundo eixo semântico que deve ser analisado é aquele que caracteriza alguns dos protagonistas do Salmo: בְּנֵי־בָיִם – príncipes (v. 3a) e seus designativos בֶּן־אָדָם – filho do homem (v. 3b) e רְשָׁעִים – ímpios (v. 9c).

Há que se perguntar pela relação dos três termos acima, pois tomados em seus significados particulares são totalmente distintos. Assim, בְּנֵי־בָיִם é um vocábulo genérico para designar *nobres* ou *príncipes*. Significativos são os usos do termo nos Salmos 107.40 e 118.9, onde Deus e sua ação são contrapostas aos príncipes. A expressão בֶּן־אָדָם, decomposta, evidencia um termo geral para designar *homem* (אָדָם), sinônimo de אִישׁ, que poderia ser usado aqui sem nenhum problema, pois tanto אָדָם quanto אִישׁ refere-se ao homem na sua transitoriedade. Contudo, a preferência por אָדָם se deve a um jogo de palavras com אֶדְמָה (“solo” –

v. 4a). Junto com בן o texto reforça a ideia da condição humana frente à perenidade de Javé. Pode-se argumentar, também, que *filho do homem* evoca, em sentido antitético, que os príncipes não podiam ser representantes de Javé, conforme a ideologia real da monarquia israelita, a não ser que cumprissem suas funções para com os desvalidos (cf. Deuteronômio 17.14-20). Já o termo רָשָׁעִים, da raiz que quer dizer *ser malvado/culpável*, usa-se, no Antigo Testamento, numa gama bastante ampla de sentidos, por exemplo, *malvados*, *inimigos*, *ímpios*, *malfeitores*, mas também refere-se àquele que se omite ou que contraria as prescrições do direito divino em relação à comunidade. No texto em pauta, o termo vem acompanhado de דֶּרֶךְ (“caminho”), como em Provérbios 15,9(8), onde o *caminho do perverso* é abominação ao Senhor. Assim, pode-se inferir que o sentido de ímpio no Salmo 146.10 é *malfeitor* que deixa de cumprir suas obrigações para com as pessoas, conseqüentemente, para com Javé.

Estabelecendo, então, a relação entre os vocábulos considerados, pode-se dizer que os *príncipes* são homens mortais, que voltaram ao pó (*solo*) donde vieram. Também, que se omitem no cumprimento de suas funções em relação ao povo de Deus. Daí decorre a exortação de não se confiar neles, pois nada podem fazer pelo bem estar dos excluídos.

- c. O terceiro e talvez o mais importante eixo semântico do texto diz respeito aos ultrajados<sup>30</sup>, que ocupam boa parte do Salmo: לְעִשׂוּקִים – *defraudados* (v. 7a); לָרָעִבִים – *famintos* (v. 7b); אֲסוּרִים – *prisioneiros* (v. 7c); עִוְרִים – *cegos* (v. 8a); כְּפוּפִים – *os que foram derrubados* (v. 8b); צְדִיקִים – *justos* (v. 8c); גֵּרִים – *estrangeiros* (v. 9a); יְתוֹם – *órfão* (v. 9bα); אֶלְמָנָה *viúva* – (v. 9bβ). Ainda pode ser incluída nesta lista צִיּוֹן – *Sião* (v. 10b).

Encabeçando a lista, o verbo עִשָּׂק, passivo aqui, significa *extorquir*, daí o particípio *os que foram extorquidos* ou *defraudados*, implica, pois, um processo de extorsão por parte de outra pessoa ou instituição. Pode-se pensar no pesado e extorsivo sistema tributário da monarquia israe-

<sup>30</sup> SCHJÖKEL, A. **Salmos II**, p. 1644, classifica a lista em várias categorias: física, sócio-econômica, sócio-familiar e ética.

lita ou, ainda, o que parece mais provável, tendo em vista que *Javé faz justiça*, do sistema judiciário que se caracterizava, desde sempre, pelo suborno e falso testemunho (cf. o episódio de Nabote em 1 Reis 21).

Os *famintos* estão catalogados nos patamares mais baixos da indigência na sociedade israelita. As causas mais comuns da fome eram a seca, a guerra e a perda da colheita. O que se deve destacar aqui é o fato de que, aos famintos, Javé dirige uma atenção especial, fartando-os (1 Samuel 2.5; Salmo 107.36-37) e exigindo que os líderes do povo também o façam (Isaías 58.7,10).

A menção de *cegos* neste Salmo é inusitada, por ser rara a sua ocorrência no Saltério. Apesar da cegueira poder ser compreendida de maneira figurada, por exemplo, no caso do suborno do qual é dito que “cega os olhos dos sábios” (Deuteronômio 16.19), aqui há que se pensar na cegueira literalmente, pois os cegos faziam parte do grupo de fracos e incapacitados, protegidos especiais da Lei de Deus (Levítico 19.14; Deuteronômio 27.28). Contudo, a restrição de entender *cegos* literalmente não impede que se veja uma forma de se referir a todos os doentes que estão vulneráveis à morte e ao abandono, sem possibilidade de restauração, impossibilitados de viver uma vida normal, pois a lista dos desfavorecidos aqui no texto do Salmo 146 parece ser representativa de todas as categorias de oprimidos e espoliados em Israel.

A palavra צַדִּיקִים é aqui traduzida por justos, pois piedosos não faz jus ao caráter relacional que o termo indica. Com isso se quer dizer que o âmbito de utilização de צַדִּיקִים é o das relações de lealdade do indivíduo para com a comunidade<sup>31</sup>, conseqüentemente, para com a aliança de Javé. Tal aliança implica em fidelidade do homem para com a comunhão tanto com Javé como para com sua comunidade, estabelecendo, assim, um padrão de conduta que pode ser chamado de “integridade”, ou seja, *justo* é aquele homem cuja inocência é protestada e confirmada por Javé. Justo é o sujeito que mantém a tranquilidade e o bem estar dentro dos limites de seu grupo, no caso o povo de Deus. Geralmente tais protestos de inocência derivam da necessidade de defesa do justo contra as falsas acusações

<sup>31</sup> RAD, G. von. **Teologia do Antigo Testamento**, vol. II, p. 353-354; McCANN, J. Clinton Jr. **The Book of Psalms**, p. 667, concorda com essa interpretação dos termos “justiça /justos” e acrescenta que denotam uma “dependência fundamental de Deus”.

dos ímpios que o querem destruir. Deste modo, pode-se dizer que “o justo é aquele que em sido declarado inocente pelo juízo de Deus”<sup>32</sup>.

Particularmente no Salmo em questão, *justos* é parte de uma série de nove designativos que englobam, de uma forma ou de outra, uma relação jurídica com os responsáveis pela manutenção do estado de legalidade que deve permitir o inteiro atendimento das necessidades de cada um dos grupos mencionados e do grupo como um todo, já que, como ainda será visto, pertencem a um estrato social marginalizado dos direitos propugnados pela lei de Deus. Diante disso, צַדִּיקִים parece referir-se a todos os que, injustamente, são acusados pelos seus inimigos, os ímpios, e que por isso buscam a proteção judicial de Javé.

O termo גֵּר tem como significado básico “estrangeiro residente” que teve que abandonar a sua pátria por algum motivo e se estabelecer num país estrangeiro. Como tal, em Israel, ele desfruta dos mesmos direitos de um israelita e geralmente está a serviço deste. Comumente, o גֵּר é uma pessoa pobre: “é contado entre os ‘economicamente débeis’, que têm direito de ajuda igual às viúvas e órfãos”<sup>33</sup> (cf. Levítico 25.6). Por outro lado, os estrangeiros gozam da proteção divina, como pode ser visto tanto em Deuteronômio 10,17-18 como no Salmo em análise. Deve-se notar, ainda, que eles não têm apenas direitos, mas também deveres, como por exemplo: guardar o Sábado (Deuteronômio 5,14); a leis de pureza geral; as festas (Deuteronômio 16.14), entre outras obrigações. Desta forma, o estrangeiro em Israel é equiparado do próprio israelita, devendo ser tratado como tal.

Os dois últimos vocábulos da lista, יָתוֹם (órfão) e אֵלְמָנָה (viúva), podem, no geral, ser tratados em conjunto, visto que indicam os fracos no âmbito familiar, que se encontram nesta condição, provavelmente, pela morte do homem, pais e marido.

Órfão é designativo para aquela pessoa, normalmente criança, que perdeu o pai, com a conseqüente perda dos direitos de subsistência e assistência familiar. Por ser incapaz de se auto-sustentar torna-se dependente da boa vontade alheia e do amparo legal da sociedade, como se pode ver nas prescrições deuteronômicas, por exemplo, Deuteronômio 24.19-21.

<sup>32</sup> KRAUS, Hans-Joachim. **Teologia de los Salmos**, p. 208.

<sup>33</sup> JENNI, E. e WESTERMANN, C. “GER”. **Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento**, col. 585.

Deste modo, ao órfão é garantida a vida, ainda que tenha perdido os pais. Ainda mais, semelhantemente ao *estrangeiro* e à *viúva*, o órfão goza de uma simpatia toda especial de Javé, que lhe defende o direito e lhe dá proteção (Deuteronômio 24.18).

Ao designar uma mulher como *viúva*, o Antigo Testamento atesta muito mais a situação social da mulher do que seu estado civil. O fato de ter perdido o marido implica que ela perdeu o apoio econômico e social e, por isso, passa a pertencer ao rol dos pobres e indigentes da sociedade. A ela é garantido os mesmos direitos que aos de sua categoria sócio-econômica: ajuda da família paterna ou dos filhos, se os tiver; atenção da magistratura; auxílio dos governantes e, sobretudo, a proteção de Javé. Para aqueles que pervertem esses direitos da viúva, uma maldição está reservada em Deuteronômio 27.19.

Há que se notar, finalmente, que os termos *órfão*, *viúva* e *estrangeiro* aparecem geralmente juntos, por exemplo, Deuteronômio 14.29; 24.19-21; Salmo 94.6, o que, ao que tudo indica, referem-se àquela categoria social mais desfavorecida dentro as sociedade israelita.

A análise acima revela os vários aspectos de um setor social dentro da comunidade de Israel que tem em comum o fato de que todos os grupos alistados pertencem ao estrato daqueles que foram, de uma ou de outra forma, excluídos dos direitos que lhe assistiam. Em cada termo analisado, brota um elemento específico da necessidade da pessoa que, unido aos demais elementos dos outros grupos, formam um quadro que reflete aquela parcela oprimida da comunidade, seja por extorsão, fome, aprisionamento por dívida, doença, por ter sido derrubada, acusada injustamente, ser estrangeiro, ou ter perdido o pai ou o marido.

Toda essa categoria de pessoas aparece no texto recebendo os cuidados especiais de Javé, pois ele *faz justiça para os defraudados*; dá pão para os famintos; *solta os prisioneiros*; *abre os olhos aos cegos*; *levanta os que foram derrubados*; *ama os justos*; *guarda os estrangeiros e sustém o órfão e a viúva*. Portanto, a semântica textual pode ser estabelecida à base desta oposição fundamental. Desta maneira, o entrelaçamento dos eixos estudados revela o sentido de cada palavra e, de resto, de todo o conjunto do Salmo.

Em primeiro lugar, Javé é qualificado como o Deus de Jacó, Deus fiel e criador de todas as coisas. É Ele quem vai reinar como rei em Sião de geração em geração. Em segundo lugar, aparecem os príncipes como

homens em toda a sua transitoriedade e impiedade, isto é, aqueles que não cumprem suas funções para com os necessitados. Em terceiro lugar, surgem os grupos de miseráveis, os quais recebem de Javé a atenção que necessitam. A esses grupos é dirigida a exortação de não confiarem nos príncipes ou nobres do povo e, por oposição, devem colocar sua esperança no Deus de Jacó, porque somente Ele é capaz de suprir o direito dos debilitados, negado pelo sistema administrativo em vigor.

Portanto, pode-se concluir que o sentido do texto gira em torno do interesse de Javé pelos desfavorecidos e que somente Ele tem condições de cumprir as prerrogativas reais da manutenção da justiça e bem estar que as camadas mais pobres do povo precisa, tornando-se, assim, único alvo de esperança no qual se deve depositar toda a confiança. Nisto reside a felicidade dos pobres.

O próximo passo exegético buscará relacionar este sentido do texto com os contextos literário e sócio-histórico, a fim de que se possa controlar a correção ou não do sentido do texto que se está propondo.

#### **4 – Análise contextual**

O objetivo da Análise Contextual é permitir o controle do sentido texto. Através dela se quer estabelecer as ligações intertextuais que permitem abonar os resultados alcançados até o momento da pesquisa. A análise processará em dois momentos: primeiro, tentar-se-á fazer as relações do texto com seu contexto literário, compreendido aqui como o livro dos Salmos e, eventualmente, com textos que tenham temas correlatos; segundo, buscar-se-á reconstruir, com as informações internas e externas do Salmo 146 um possível quadro sócio-histórico no qual o texto surgiu e foi utilizado.

#### **Contexto literário<sup>34</sup>**

Os três eixos semânticos do passo anterior servirão de guias para esta análise, a saber: Javé como rei e, portanto, assumindo as funções reais; a função social dos príncipes; e a assistência aos desamparados.

---

<sup>34</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 130-150; DOBNERAHN, F. E. *Introdução aos Métodos Exegéticos*, p. 49-57.

O contexto literário do Salmo 146 é composto, primeiramente, pelos poemas que o cercam, depois por todo o Saltério. O Salmo 146 é antecedido pelo Salmo 145, que tematiza a bondade de Javé-rei (v.1) para com todos, especialmente para com os que vacilam e estão prostrados (v. 14: כַּפּוּיִים, cf. 146.8). Da mesma forma que o Salmo 146, o Salmo 145.20 fala da sorte dos ímpios (רָשָׁעִים).

Ao longo de Salmo 147 pode-se ver vários elementos que estabelecem uma relação entre este Salmo e o Salmo 146. Por exemplo, o uso da expressão *Sião, teu Deus* (v.12); o fato de que Deus derrubará o ímpio (v. 6b) e o seu cuidado para com diversas categorias de pessoas oprimidas (dispersos – v.2; os feridos – v. 3; os humildes – v. 6a; entre outras).

Neste contexto, o Salmo 146 funciona como uma porta de entrada para os assim chamados “Salmos de Aleluia” (146-150), pequena coleção que leva o Saltério à sua conclusão. Isso pode significar que o Salmo 146 deve ser lido da perspectiva conclusiva do Livro dos Salmos, que forma uma inclusão com os Salmos 1 e 2, o qual, ao que tudo indica, ajudam a clarear o sentido do Salmo em estudo.

Há toda uma série de Salmos que apresentam Javé como Rei (por exemplo, 47; 48; 93; 96; 97; 99). Estes três últimos apresentam, no contexto desta análise, ligações mais próximas com o Salmo 146. Neles fala-se de Javé como aquele que reina e julga os povos com “equidade”, “justiça” e “fidelidade” (96.10,13); como aquele que reina e tem por trono a “justiça” e o “juízo” (97.2); e como o poderoso rei que ama a justiça, firma a equidade e executa juízo e justiça em Jacó (99.4). Os termos traduzidos por “justiça”, “equidade” e “juízo” são os mesmos utilizados no Salmo 147.7-8, denotando assim a estreita ligação entre as concepções dos dois Salmos de que somente Javé faz “justiça”<sup>35</sup>. A mesma ideia sobre o reinado pode ser vista em outras instâncias: Êxodo 15.18; Isaías 41.21; 53.15. 52,7, entre outras.

Portanto, a figura de Javé com rei sobre Israel é bastante comum no Saltério, tanto quanto a caracterização do mesmo como o responsável pela administração da justiça. Por outro lado, a função do rei humano é tida como a de ser o “patrão dos indefesos” (2 Samuel 23.3-4). Nas

<sup>35</sup> Sobre a justiça de Javé, cf. RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**, vol. II, p. 353-364.

palavras de Kraus: “também o rei se apresenta como advogado e salvador dos ‘pobres’”<sup>36</sup>. A ideia de que o rei é o protetor dos fracos é retomada e desenvolvida no Salmo 72, que por sua importância merece ser transcrito em parte<sup>37</sup>:

<sup>1</sup> Ó Deus, dá ao rei os teus juízos, e a tua justiça ao filho do rei.  
<sup>2</sup> Julgue ele o teu povo com justiça, e os teus pobres com equidade.  
<sup>3</sup> Que os montes tragam paz ao povo, como também os outeiros, com justiça. <sup>4</sup> Julgue ele os aflitos do povo, salve os filhos do necessitado, e esmague o opressor. [...] <sup>12</sup> Porque ele livra ao necessitado quando clama, como também ao aflito e ao que não tem quem o ajude.  
<sup>13</sup> Compadece-se do pobre e do necessitado, e a vida dos necessitados ele salva. <sup>14</sup> Ele os liberta da opressão e da violência, e precioso aos seus olhos é os sangue deles. [...] <sup>18</sup> Bendito seja o Senhor Deus, o Deus de Israel, o único que faz maravilhas.

Nota-se que do rei espera-se que ampare toda sorte de necessitados e desamparados e combata o opressor, como se vê claramente, também, em Isaías 1.17, oráculo dirigido aos “príncipes de Sodoma” (= Israel): “Aprendei a fazer o bem; buscai a justiça, acabai com a opressão, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva”. Em Jeremias 22.3, oráculo ao rei de Judá afirma: “Assim diz o Senhor: Exercei o juízo e a justiça, e livrai o espoliado da mão do opressor. Não façais nenhum mal ou violência ao estrangeiro, nem ao órfão, nem à viúva; não derrameis sangue inocente neste lugar”.

Gerhard von Rad, ao tratar das funções do ungido (= rei), assevera: “Visto internamente, porém, era [o ungido] o guarda e a garantia do direito e da justiça”<sup>38</sup>. Ao fundamentar sua opinião com o Salmo 72, von Rad argumenta:

<sup>36</sup> KRAUS, Hans-Joachim. **Teologia de los Salmos**, p. 204.

<sup>37</sup> Citações da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA).

<sup>38</sup> RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**, vol. II, p. 311. Opinião idêntica tem WOLF, H. W. **Antropologia do Antigo Testamento**, p. 247: “O rei que deve administrar o direito de Javé é julgado precisamente pela sua intervenção em favor dos mais necessitados de ajuda. Ou é o rei dos mais fracos ou não é o verdadeiro rei em Israel”.

É evidente, nas passagens que descrevem seu [do ungido] papel exemplar como guarda da justiça de Deus, pois seria a garantia de todas as vítimas da iniquidade e o apoio dos oprimidos que sem ele ficariam desamparados. [...] Este era a sentinela do direito e da justiça, estabelecida por Deus e encarregada especialmente dos pobres e das vítimas das injustiças<sup>39</sup>.

Nesta linha de raciocínio o Salmo 146 tem estreita ligação temática e léxica com o Salmo 72, no qual é descrita a função do rei em relação aos miseráveis. Estes míseros também povoam outros Salmos: *defraudados* (103.6; 105.14; 119.122); *famintos* (107.5,9 e 36); *derrubados* (145.14); *justos* (1.5; 37.17 e 39; 97.12; 142.7); *estrangeiros*, *órfãos* e *viúvas* (68.5; 94.6).

Significativamente, parte destes oprimidos aparece no Salmo 82.3-4, formando um conjunto de pessoas juridicamente desfavorecidas, os quais Hans-Joachim Klaus engloba com o designativo de “pobres”, dos quais diz: “‘Pobre’ é aquele que carece de proteção legal, que carece de influência e prestígio social, o que está entregue aos caprichos dos adversários poderosos”<sup>40</sup>.

Em relação ao Salmo 1, o texto em estudo guarda ligações em pelo menos dois aspectos essenciais: primeiro, o aspecto da oposição entre a sorte do “justo” e a do “ímpio” que perpassa todo o Salmo e culmina com a declaração: “Pois o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá” (v. 6); segundo, o aspecto do macarismo “ditoso”, “feliz”, “bem-aventurado”<sup>41</sup> que tanto no Salmo 146.5 quanto no Salmo 1.1 designam o homem que põe a sua esperança em Javé.

Portanto, não parece apressado concluir que o Salmo 146 apresenta Javé como o protetor dos pobres, assumindo, assim, a tarefa de que era reservada ao rei humano de garantir a paz e a prosperidade entre os

<sup>39</sup> RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**, vol. II, p. 312. Uma menção ao pai do rei Joaquim (Jeremias 22.15-16) é um bom exemplo de como o rei agia a favor dos necessitados: “O teu pai não comeu e bebeu, e não exercitou o juízo e a justiça? Por isso lhe sucedeu bem. Julgou a causa do pobre e necessitado; então lhe sucedeu bem. Porventura não é isso conhecer-me? Diz o Senhor”.

<sup>40</sup> KRAUS, Hans-Joachim. **Teologia de los Salmos**, p. 204.

<sup>41</sup> Para o significado de “Feliz”. Cf. McCANN, J. Clinton Jr. **The Book of Psalms**, p. 666-667.

desamparados. Desta maneira, a exortação para que não de fie em príncipes (v. 3) tem sua outra face na felicidade de quem tem o Deus de Jacó por ajuda e Nele deposita sua confiança (v. 5). O reverso dessa asserção é o aniquilamento, por parte de Javé, do caminho dos ímpios (v. 9c). Diante disso, é possível ao salmista declarar que louvará a Javé por toda a sua vida (v. 2), pois a manutenção e proteção de sua existência estão garantidas pelo próprio Javé.

### Contexto sócio-histórico<sup>42</sup>

A bem da clareza, a maioria dos Salmos não é facilmente datável como outros textos o são. Com pouquíssimas exceções, por exemplo o Salmo 137, os poemas do Saltério oferecem apenas indicativos indiretos de sua situação vital (*Sitz im Leben*) e menos ainda de sua situação histórica. Portanto, a tarefa da análise do contexto sócio-histórico será fundir as informações do *Sitz im Leben* com os elementos sócio-históricos que porventura permeiem o Salmo 146.

Há acordo, tácito ou declarado, entre os exegetas de que os Salmos têm sua origem e desenvolvimento no culto israelita centrado no templo de Jerusalém. Não há dúvida de que o elemento cútico dos Salmos é bastante evidente, seja pelos indicativos melódicos e harmônicos, seja pelo sobrescrito que identifica alguém como líder do coro, seja pelos responsos internos, etc. Contudo, a situação vivencial no culto nada mais esclarece de que tal e qual texto foi rezado pela comunidade em determinada ocasião (colheita, Ano Novo, expiação, ação de graças). Obviamente que já é alguma coisa saber disso. Porém, nada de absolutamente certo pode ser estabelecido a esse respeito. Assim, tem-se como tarefa auscultar o texto em busca de maiores detalhes que possibilitem a reconstrução, mesmo que precária, de um “chão” para o poema.

Outra dificuldade, já sugerida acima, é o fato de que os Salmos, por sua própria natureza literária e teológica, não fornecem datas, personagens e outros elementos que poderiam ser úteis na localização dos mesmos nos limites históricos que permitissem uma interpretação mais segura

<sup>42</sup> KRÜGER, René e SEVERINO CROATTO, José; MÍGUEZ, N. **Métodos Exegéticos**, p. 285-299; EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento**, p. 191-196.

dos textos. Todavia, há a possibilidade de verificar quais os problemas tratados no Salmo: qual a sua terminologia para abordar os problemas; quais os temas tratados; qual a teologia do mesmo. Podendo-se descobrir alguns desses aspectos, um trabalho comparativo com textos que tratem problemas similares, use terminologia próxima ou equivalente, aborde os mesmos temas, professe uma mesma teologia, será bastante útil para a elaboração de um quadro, ao menos social, no qual possa inserir o texto em apreço.

Desta forma, resta escutar o poema em seus diversos eixos semânticos e tentar compará-los a outros textos, o que em certa medida já foi feito na análise semântica. O Salmo 146 é datado no pós-exílio por Antonio Bonora<sup>43</sup> sem muitas explicações. Leslie C. Allen<sup>44</sup> atribui o Salmo ao mesmo período por causa de seu desenvolvimento crítico-formal e por causa do uso de material primitivo e sua linguagem. A meio caminho está Mitchell Dahood que argumenta que os dois aramaísmos dos v. 4-5 “podem ser citados como sinal de composição tardia”<sup>45</sup>. Contudo, tal período poderia ser tanto o exílico quanto o pós-exílico.

Ao se verificar o tema principal do Salmo 146, Javé é o rei criador que sustenta a causa dos necessitados no lugar dos reis terrenos, alguns pressupostos vêm à tona. A exortação para que não se confie em “príncipes” pode significar várias coisas, mas nenhum significado seria claro se não houvesse um sistema monárquico atuando em Israel. Pode-se argumentar que o material utilizado é primitivo, entretanto, qualquer que tenha sido o desenvolvimento do texto, certamente que a situação fundante deve permanecer, ainda que de forma emblemática. Ademais, a teologia do Criador parece ter sido concebida num período anterior ao pós-exílio, como aponta as narrativas de Gênesis e de Dêutero-Isaías, entre outros textos. Porém, muito mais significativo é o fato de que o Salmo apresenta Javé como opostos aos governantes humanos. Mais, exorta o povo humilde a não confiar nestes e, sim, Naquele que é o verdadeiro e único amparador do povo oprimido. Isso, sem dúvida, quer levar o leitor a reviver uma situação na qual os príncipes põem em aperto uma parcela da população, quando deveriam assisti-la.

<sup>43</sup> BONORA, Antonio. **I Salmi**, p. 206.

<sup>44</sup> ALLEN, Leslie C. **Psalms 101-150**, p. 302.

<sup>45</sup> DAHOOD, Mitchell. **Psalms III, 101-150**, p. 340-342.

Portanto, mesmo que o trecho não permita uma data exata, é perfeitamente plausível que se entenda que o texto está tratando de algum período durante a monarquia em que os reis negam auxílio aos desamparados. Esta temática pode ser vista em várias partes do Antigo Testamento que mostram a opressão que os reis impõem sobre muitos cidadãos indefesos (Isaías 1.17; Jeremias 22.3):

Os teus príncipes são rebeldes, e companheiros de ladrões; cada um deles ama o suborno, e anda atrás de presentes; não fazem justiça ao órfão, e não chega perente eles a causa da viúva. (Isaías 1.23)

Engordaram-se, estão nédios; também excedem o limite da maldade; não julgam com justiça a causa dos órfãos, para que prospere, nem defendem o direito dos necessitados. (Jeremias 5.28)

Eis que os príncipes de Israel, que estão em ti, cada um conforme o seu poder, se esforçam para derramarem sangue. No meio de ti desprezaram ao país e à mãe; no meio de ti usaram de opressão para com o estrangeiro; no meio de ti foram injustos para com o órfão e a viúva. (Ezequiel 22.6-7)

Se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva; nem derramardes sangue inocente neste lugar; nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal. (Jeremias 7.6)

Com exceção deste último texto que tem um tom positivo de promessa, os outros são de condenação à prática de injustiças dos governantes em relação àqueles que deveriam proteger. Os profetas foram severos críticos na monarquia instituída nos moldes opressores de seus vizinhos. À vista disso, trataram dos problemas que o reinado gerou em meio à população mais carente. Trataram de denunciar a extorsão, o falso testemunho, o roubo, o suborno, entre outras coisas. Todas essas práticas causaram um grande mal para os setores pobres da sociedade israelita.

Ademais, tanto por parte dos profetas quanto do Salmo em questão, a recorrência do tema de que só Javé pode dominar o povo com justiça e equidade aponta, também, para um mesmo contexto sócio-histórico, no qual, pelo que parece indicar a legislação deuteronomista, havia tamanho desequilíbrio social que exigiu leis específicas a favor da causa dos misérraveis (Deuteronômio 14.29; 16.18-20; 24.17,19-21).

Isso posto, pode-se dizer que o contexto vital do Salmo 146 é o culto no Templo de Jerusalém. Todavia, a situação social é de extrema violência e opressão praticadas pela monarquia, que se omite no cumprimento de seus deveres para com o povo em geral e para com os fracos em particular. Desta maneira, o orante se põe no templo a fim de, celebrando, ouvir a exortação de confiar e esperar somente no rei Javé, em quem há salvação e proteção das calamidades impostas pelo sistema em vigor.

Concluindo, a análise contextual parece confirmar o primeiro sentido do texto a que se chegou no final da análise semântica. Sem dúvida alguma, Javé assume as funções de proteção e auxílio aos desvalidos, função exigida do rei terreno, mas que no caso a monarquia israelita não as exercia, pelo contrário, era a principal causadora deste estado de opressão e sofrimento.

## **5. Síntese do significado**

O texto pode ser sintetizado da seguinte maneira: Javé é qualificado como o Deus de Jacó, Deus fiel e criador de todas as coisas. É Ele quem vai reinar como rei sobre Sião de geração em geração. Em contraposição, aparecem os príncipes como homens em toda a sua transitoriedade e impiedade, isto é, como aqueles que não cumprem suas funções para com os necessitados. Estes, por sua vez, são vistos pelo salmista como grupos de miseráveis, os quais recebem de Javé a atenção que necessitam. A esses grupos é dirigida a exortação de não confiarem nos príncipes ou nobres do povo e, por oposição, devem colocar sua esperança no Deus de Jacó, porque somente Ele é capaz de suprir o direito dos debilitados, negado pelo sistema administrativo em vigor.

Portanto, pode-se concluir que o sentido do texto gira em torno do interesse de Javé pelos desfavorecidos e que somente Ele tem as condições de cumprir as prerrogativas reais da manutenção da justiça e bem estar que as camadas mais pobres precisam, tornando-se, assim, único alvo da esperança no qual se deve depositar toda a confiança. Nisto reside a felicidade dos pobres.

## Referências Bibliográficas

- A Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- ALLEN, L. C. **Psalms 101-150.** Waco: Words Books, 1983. [Word Biblical Commentary, 21]
- Almeida Revista e Atualizada.** São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1967.
- ALTER, Robert. “As Características da Antiga Poesia Hebraica”. In: ALTER, Robert e KERMODE, Frank. (Orgs.) **Guia Literário de Bíblia.** São Paulo: Editora da UNESP, 1997, p. 653-666.
- ALTER, Robert. “Salmos”. In: ALTER, Robert e KERMODE, Frank. (Orgs.) **Guia Literário de Bíblia.** São Paulo: Editora da UNESP, 1997, p. 263-281.
- ASENCIO, Víctor Morla. **Livros Sapienciais e Outros Escritos.** São Paulo: AM Editora, 1997, p. 251-394.
- BALLARINI, Teodorico & REALLI, Venazio. **A Poética Hebraica e os Salmos.** Petrópolis: Vozes, 1985,
- BONORA, Antonio. “I Salmi”. In: FESTORAZZI, Franco (Dir.) **Il Messaggio Della Salvezza.** Torino: Elle di Ci, 1985, p. 183-245. (Parte Seconda)
- CARO, J. M. S. “Metodologia Bíblica Exegética”. In: **Bíblia e Palavra de Deus.** ARTOLA, Antonio M. e CARO, José Manuel Sánchez (eds.) São Paulo: Editora AM, 1996, p. 337-379. (Introdução ao Estudo da Bíblia)
- CHOURAQUI, André. **A Bíblia – Louvores I (Salmos).** Rio de Janeiro: IMAGO, 1998.
- CHOURAQUI, André. **A Bíblia – Louvores II (Salmos).** Rio de Janeiro: IMAGO, 1998.
- DAHOOD, Mitchell. **Psalms III.** Garden City: Doubleday, 1984 (The Anchor Bible)
- DOBBERAHN, F. E. **Introdução aos Métodos Exegéticos.** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, s/d. (Polígrafo)
- EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento.** São Paulo: Loyola, 1994.
- ELLIGER, K. e RUDOLPH, W. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia.** 4ª. Ed. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1990.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de Texto: Leitura e redação.** São Paulo: Ática, 1996.

- FITZMYER, Joseph. **A Bíblia na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997.
- FRIDLIN, Victor; GORODOVITS, David; FRIDLIN, Jairo. *Salmos com introdução e transliteração*. São Paulo: Sêfer, 1999.
- GERSTENBERGER, E. S. **Salmos I**. São Leopoldo: Comissão de Publicação da Faculdade de Teologia da IECLB, 1982. (Poligrafo)
- GERSTENBERGER, E. S. **Salmos II**. São Leopoldo: Comissão de Publicação da Faculdade de Teologia da IECLB, 1982. (Poligrafo)
- GUNKEL, Hermann. **The Psalms. A Form-Critical Introduction**. 3<sup>a</sup>. ed. Philadelphia: Fortress Press, 1972.
- HARRINGTON, Wilfrid. **Chave para a Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- KIDNER, Derek. **Salmos 73-150 – Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1984.
- KRAUS, Hans-Joachim. **Teologia de los Salmos**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1985.
- KRÜGER, René e SEVERINO CROATTO, José; MÍGUEZ, N. **Métodos Exegéticos**. Buenos Aires: EDUCAB, 1996.
- LOHFINK, Gerhard. **Agora Entendo a Bíblia**. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Paulinas, 1978.
- MANNATI, Marina. **Para Rezar os Salmos**. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. (Cadernos Bíblicos 5)
- McCANN, J. Clinton Jr. “The Book of Psalms”. In: KECK, Leander E. *et alli*. **The New Interpreter’s Bible**. KECK Leander (ed.) Nashville: Abingdon Press, 1996.
- MONLOUBU, L. “Os Salmos”. In: **Os Salmos e os Outros Escritos**. MONLOUBU L. *et alli* (eds.) São Paulo: Paulus, 1996, p. 35-36;
- MOSCONI, Luís. **Para uma Leitura Fiel da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 111-143.
- Nova Bíblia dos Capuchinhos**. Lisboa: Difusora Bíblica, 1998.
- RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. Vol. II. São Paulo: ASTE, 1986.
- SCHÖKEL, L. A; CARNITI, Cecilia. **Salmos I** (Salmos 1-72). São Paulo: Paulus: 1996. (Coleção Grande Comentário Bíblico)
- SCHÖKEL, L. A; CARNITI, Cecilia. **Salmos II** (Salmos 73-150). São Paulo: Paulus: 1998. (Coleção Grande Comentário Bíblico)
- SCHÖKEL, L. A. **A Palavra Inspirada**. São Paulo: Loyola, 1992.
- SCHÖKEL, L. A. **O Espírito Santo e os Salmos**. São Paulo: Loyola, 1998.

- SCHÖKEL, L. A. “Poética Hebrea – Historia y Procedimientos”. In: **Hermeneutica de la Palabra II – Interpretación Literaria de textos Bíblicos**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987, p. 17-228.
- SCHÖKEL, L. A. **Treinta Salmos: Poesia e Oración**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981. (Estudios de Antiguo Testamento II)
- SIMIAN-YOFRE, Horácio. **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.
- STECK, J. H. **Aspectos da Poética do Antigo Testamento e uma introdução aos Salmos, Provérbios e Eclesiastes**. Campinas: Luz para o Caminho, 1985.
- Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas**. Ney York: Wachtover Bible, 1967.
- Tradução Ecumênica da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 1990.
- WEISER, Arthur. **Salmos**. São Paulo: Paulus, 1997.
- WESTERMANN, Claus. **The Praise and Lament in the Psalms**. Edinburgh: T & T Clark, 1981.